

Na raiz do problema

Padrões de produção e consumo foram assunto de destaque no primeiro dia do fórum da ICSU. Ao longo desta semana, acadêmicos do mundo todo se reúnem no Rio de Janeiro para discutir temas ambientais em caráter preparatório para a Rio+20.

Por: Henrique Kugler

Publicado em 12/06/2012 | Atualizado em 12/06/2012



Mina a céu aberto nas Filipinas. O padrão atual de exploração dos recursos naturais está na contramão da sustentabilidade. (foto: Flickr/ Storm Crypt – CC BY-NC-ND 2.0)

Já se sabe, de longa data, que um dos mais sérios desafios ambientais que enfrentamos atualmente é o binômio produção e consumo. Foi pelos idos de 1987 que o assunto entrou em pauta, com a publicação do [relatório Brundtland](#) – que já na época questionava as doutrinas do industrialismo e do crescimento econômico a qualquer custo e as reverências ao dogma do consumismo irrestrito e desenfreado.

Vergragt: “O padrão de consumo observado hoje é insustentável e, ao contrário do que um dia pensamos, a tecnologia não poderá nos salvar”

O assunto rendeu ontem (11/6) algumas reflexões por parte da comunidade científica. Reunidos na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), cientistas do mundo todo participaram do primeiro dia do fórum do Conselho Internacional para a Ciência (ICSU, na sigla em inglês), principal evento acadêmico que antecede a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20.

“Não é novidade alguma o fato de que, hoje, o padrão de consumo observado no hemisfério Norte é definitivamente insustentável, e o Sul parece seguir o mesmo caminho”, observou o químico holandês Philip Vergragt, da Clark University (Estados Unidos), dando início às discussões.

“A novidade é que, ao contrário do que um dia pensamos, a tecnologia não poderá nos salvar”, concluiu. No debate, os pesquisadores ressaltaram que o consumismo doentio, tal como conhecemos hoje, está impregnado em nossa cultura – propagandas, anúncios e exortações do ato de consumir são onipresentes no mundo contemporâneo.



Times Square, área comercial de Nova Iorque (Estados Unidos) onde todos os prédios exibem letreiros de publicidade. O estímulo ao consumo é onipresente no mundo contemporâneo e está impregnado na nossa cultura. (foto: Jean-Christophe Benoist – CC BY 3.0)

Vergragt deixou claro que, por mais que a ciência e a tecnologia possam, em alguma medida, amenizar os impactos ambientais de nossa cultura consumista, elas jamais poderão oferecer a todos os habitantes da Terra os padrões de vida e inserção no mundo do consumo conhecidos atualmente.

Um dado animador foi destacado por Ashok Khosla, representante do Painel Internacional de Recursos (IRP, na sigla em inglês), uma espécie de IPCC dos recursos naturais, mantido pela Organização das Nações Unidas. “Já temos soluções tecnológicas suficientes para reduzir em pelo menos cinco vezes a quantidade de recursos naturais que utilizamos para manter nosso sistema de produção de bens de consumo.” A afirmação se baseia em recente estudo publicado pelo Clube de Roma, o relatório [Factor 5](#), de 2010. “Miniaturização e durabilidade são os dois conceitos fundamentais que podem impulsionar essa redução”, explicou.

Mudança comportamental

Mas Khosla alerta que isso ainda é pouco. Para ele, as soluções tecnológicas não serão o bastante. Será a mudança comportamental das sociedades que definirá a tão almejada mudança de paradigmas. “Na natureza não há desperdício; materiais e processos são utilizados com eficiência máxima, e é nisso que a ciência de fronteira deve se focar daqui em diante”, recomendou.

Será a mudança comportamental das sociedades que definirá a tão almejada mudança de paradigmas

Aliviando o peso de nossas consciências, Lewis Akenji, do Instituto para Estratégias Ambientais Globais, lembrou que não serão nossas ações individuais as decisivas na construção de uma nova fase nos padrões de produção e consumo da sociedade contemporânea. “O sistema econômico vigente força o indivíduo a consumir irresponsavelmente, e é na essência de tal sistema que devemos trabalhar para reverter essa situação”, disse. Para ele, a busca pelo bem-estar foi deixada de lado em nome de uma busca cega pelo crescimento econômico a qualquer preço.

A economista alemã Sylvia Lorek, do Instituto de Pesquisa Europa Sustentável, concorda. “Não podemos nos distrair somente com as pequenas atitudes, com as pequenas mudanças que novos produtos e tecnologias podem trazer para nos auxiliar na minimização do problema. É o quadro geral do sistema econômico que impõe o grande desafio.”

“Podemos, individualmente, minimizar os impactos ambientais de nossas ações, mas ainda assim estaremos no caminho errado”, acrescentou. Segundo a economista, são os governos que devem domar as iniciativas empresariais de modo a garantir equilíbrio tanto no consumo quanto na exploração de recursos naturais. Por isso, finalizou Lorek, não precisamos apenas de inovação tecnológica. “Precisamos, sobretudo, de inovação social.”

Henrique Kugler
Ciência Hoje On-line

[Economia](#) [Meio ambiente](#) [Rio+20](#)

Padrões de produção e consumo foram assunto de destaque no primeiro dia do fórum da ICSU. Ao longo desta semana, acadêmicos do mundo todo se reúnem no Rio de Janeiro para discutir temas ambientais em caráter preparatório para a Rio+20.

Por: Henrique Kugler

Publicado em 12/06/2012 | Atualizado em 12/06/2012

Rio+20: desconexão das políticas públicas quanto aos interesses da sociedade

Terça Ecológica abordou a ineficácia dos governos perante às questões ambientais e enfatizou a capacidade de promover mudanças da sociedade civil

Sarah Bueno Motter/EcoAgência



Celso Marques e Zoravia Bettiol, dentre outros, também fizeram contribuições

Por Sarah Bueno Motter - especial para a EcoAgência

Falar da Rio+20 é falar sobre o rumo do ecologismo, o rumo da humanidade e do planeta. É também refletir sobre quais caminhos os países tomaram, depois de duas décadas da Eco 92 e refletir se afinal as nações avançaram ou retrocederam. Na Terça Ecológica deste mês (ontem, 14), as jornalistas Raissa Genro e Eliege Fante, o biólogo e arquiteto Francisco Milanez, presidente da Agapan e o engenheiro agrônomo Arno Kaiser, presidente do Movimento Roessler,

compartilharam suas perspectivas e vivências da Rio+20, além de uma avaliação do maior evento sobre meio ambiente das últimas décadas.

A Terça Ecológica procurou abranger a complexidade de um evento que reuniu sentimentos diversos dos militantes, esperanças e frustrações. As jornalistas Raissa Genro e Eliege Fante, representando o NEJ-RS e a EcoAgência, relataram suas experiências ao cobrir as atividades da Cúpula dos Povos na Rio+20, em conjunto com as jornalistas Danielle Sibonis e Ana Paula Knewitz. A diversidade apresentada na Cúpula mostrou que o desejo de mudança vem de muitos lados da sociedade - desde as grandes ONGs aos movimentos menos articulados ou ainda não institucionalizados.

Devido à diversidade das pessoas e causas, “as pautas brotavam de todos os lugares” afirmou Raissa. Eliege contou que, a partir da perspectiva de jornalistas ambientais, a equipe do NEJ-RS percebia boas histórias em todos os caminhos que passavam e, por isso, ao contrário da mídia hegemônica, tiveram “tempo para escutar quem não estava no palco”.

A Cúpula, afirmam as jornalistas, evidenciou a necessidade urgente da humanidade se reaproximar à natureza. Os povos, segundo elas, têm suas próprias soluções para a crise ambiental e econômica e merecem ser ouvidos e ter respeitados os seus modos de vida. Eliege enfatizou o potencial individual de “fazer acontecer”. Ao mudar hábitos e voltar a atenção para o que realmente importa, o que nos inquieta, vimos abrir espaço e tempo para de fato agir na sociedade.

Milanez apontou a complexidade das negociações da Rio+20 que envolvem lobbies e discussões minuciosas sobre legislações e economia. Existe uma necessidade de muitas informações para tratar dos temas e às vezes nem todos os países estão preparados para discutir os assuntos num mesmo patamar. Milanez apontou o fracasso da ONU como um órgão de ação para os problemas mundiais. Para o arquiteto “a ONU é a expressão mais centralizada da economia mundial”, pois quem comanda seus rumos são os países mais ricos.

O presidente da Agapan falou que a Cúpula foi boa no sentido de mostrar que nada melhorou em relação à Rio 92. Porém, mostrou-se afastada da base, “representou uma desconexão entre as ONGs e a população”.

A decepção em relação à ONU também foi evidenciada por Kaiser. O agrônomo avalia que o órgão é impotente para resolver os problemas ambientais. O presidente do Movimento Roessler evidenciou que a dificuldade para o encontro de soluções se encontra no âmago das relações cotidianas. Lembrou que, o ser humano, muitas vezes, não consegue dialogar nem com seu vizinho. Para ele, também a Cúpula dos Povos, apesar do pluralismo, refletiu algo em si mesmo, sem alcance para a base da sociedade. Ele ainda avalia que a humanidade não percebeu que as “leis da ecologia precisam ser seguidas”.

Kaiser aponta que as ações coletivas da sociedade são muito imaturas, se espera um “salvador da pátria” para a resolução dos problemas de maneira que a população se aliena de sua capacidade de mudança.

Na segunda parte da Terça Ecológica, o público presente também deu a sua opinião. Evidenciou-se um consenso perante a necessidade de oxigenar o movimento ambientalista com pessoas jovens que se empoderem também das causas ambientais. O poeta Pedro Marodin sensibilizou a todos com performance do texto “Parada Cardíaca”, falando sobre a destruição da biodiversidade em nosso país, por causa do agronegócio.

EcoAgência Solidária de Notícias Ambientais

<http://www.ecoagencia.com.br/?open=noticias&id=VZISXRFWWNIUspFRT1WNWJFbKVVB1TP>